

UMA ANÁLISE ACERCA DO PRECONCEITO DECORRENTE DA IDENTIDADE DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL NO AMBIENTE ESCOLAR

AN ANALYSIS OF PREJUDICES DERIVED FROM GENDER IDENTITY AND SEXUAL ORIENTATION IN THE SCHOOL ENVIRONMENT

VAGNER SOARES DA SILVA¹, JOSÉ ANTONIO TORRES GONZÁLEZ²

Resumo: Este artigo objetiva contribuir com as discussões referentes à identidade de gênero e orientação sexual, de modo a destacar alguns aspectos que mais geram debates sobre discriminações no ambiente escolar. Busca, também, promover uma reflexão no reconhecimento e respeito à diversidade sexual, evidenciando conceitos destacados por autores quando se trata de preconceitos por questões de gênero e orientação sexual na escola. A partir daí, leva-se em consideração as contribuições de autores como: Cruz (2014), Battistela (2010), Junior (2018) e outros. Nesse sentido, trata-se de uma pesquisa qualitativa. Em suma, procura analisar o processo de discriminação por motivos de gênero e orientação sexual no ambiente escolar, para que a escola desde cedo, seja realmente um lugar de reconhecimento, respeito, acolhimento, diálogo e convívio com a diversidade.

Palavras-chave: Preconceito. Reflexão. Identidade de gênero. Orientação Sexual. Escola.

Abstract: *This article aims to contribute to discussions regarding gender identity and sexual orientation, in order to highlight some aspects that most generate debates about discrimination in the school environment. It also seeks to promote reflection on the recognition and respect for sexual diversity, highlighting concepts highlighted by authors when it comes to prejudice due to gender and sexual orientation at school.*

¹Doctorado en Administración de Empresas - Facultad de Ciencias Económicas y Empresariales - Universidad Autónoma de Asunción E-mail: wagner-soares@hotmail.com

²Orientador: Dr. José Antonio Torres –Universidad Autónoma de Asunción, Paraguay
Email: jtorres@uaa.edu.py

From there, contributions from authors such as: Cruz (2014), Battistela (2010), Junior (2018) and others are taken into account. In short, it seeks to analyze the process of discrimination based on gender and sexual orientation in the school environment, so that school, from an early age, truly becomes a place of recognition, respect, acceptance, dialogue and coexistence with diversity.

Keywords: *Prejudice. Reflection. Gender identity. Sexual Orientation. School.*

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em cada escola existe uma história acerca de discriminação, história que é vivenciada por estudantes no dia a dia e que muitas das vezes não ganha a atenção e/ou averiguação dos fatos pelos professores e/ou equipe pedagógica. Sabemos que o professor é aquele que passa mais tempo convivendo com os estudantes oriundos de diferentes realidades sociais, assim sendo, está sujeito a enfrentar os problemas que muitos trazem na bagagem de vida.

Entende-se como está destacado em Junior (2018, p.4) que “sem a presente discussão fica visível a possibilidade de violência de gênero e a discriminação sexual, no âmbito escolar, as quais podem se manifestar por meio de ameaças, agressões físicas, constrangimentos, assédio sexual e/ou moral e abusos sexuais e estupro.” Por esta importância do debate, o professor é o principal responsável pelo processo de inclusão social daqueles que assumem a sua identidade de gênero e orientação sexual, pois o esclarecimento do tema e o diálogo são fundamentais para que esses sujeitos convivam em harmonia na escola, mantendo-se o respeito, tolerância ao diferente, a não-perseguição, o não ao bullying entre outras formas de discriminações.

Há uma discussão atualmente, que paira sobre os desafios de uma educação inclusiva no ambiente escolar, que propicie a todos os mesmos direitos e deveres. Porém, vivenciamos uma realidade muito distinta da que é mencionada nos documentos oficiais educativos: preconceitos diversos: cor, idade, corpo, esfera social, gênero e outros.

Destaca-se neste trabalho uma visão sobre a crescente discriminação por questões de gênero e orientação sexual enfrentada nas escolas, sem nenhuma pretensão

de um maior aprofundamento, mas vendo a necessidade de abrir diálogo com opiniões que não se deixam apagar, de um modo geral, fazemos uma reflexão crítica sobre aspectos do preconceito de gênero e orientação sexual no ambiente escolar.

Este estudo debate sobre o preconceito dessa relação enraizada de imposição de uma ideologia social dominante sobre as mais desprestigiadas socialmente. Assim, a heterossexualidade é a que prevalece nos debates do ambiente escolar e/ou é o que se tenta pregar por meio de discursos violentos, que geram agressividade, tristeza, desconfortos físicos, mental, piadas, brincadeiras de mau-gosto etc.

Por esta razão, evidenciamos, primeiramente, uma abordagem sobre identidade de gênero, uma breve análise sobre discriminação nas escolas em que destacamos visões de autores acerca da identidade de gênero, sexualidade, orientação sexual e a vivência na escola. Por fim, tecem-se as reflexões conclusivas deste artigo sobre a temática.

2. DIALOGANDO COM IDENTIDADE DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL

Na sociedade em que vivemos é comum ouvirmos os discursos de que “só existe sexo masculino e feminino”, “homem não usa rosa”, “homem tem que ser macho”, “isso é coisa de gay” entre outros discursos ofensivos, machistas e enraizados por uma ideologia dominante.

Assim, pois, quando nós falamos de identidade de gênero não falamos de um conceito simplório, adequado a compreensão de todos, como um debate acabado. Na escola, os temas transversais são incorporados às disciplinas como um paliativo, no entanto, ainda há controvérsias e ocultamento de temas, como é o caso da orientação sexual e das identidades de gênero. Como posto em questão: “durante os anos de juventude as questões identitárias assumem particular relevo, e o espaço escolar é um ambiente privilegiado das interações dos jovens.” (Ferreira, 2011, p.3). Nesse sentido, faz-se necessário existir um espaço de debate e acolhimento dos temas reais do cotidiano dos jovens na atualidade e que já estão presentes no âmbito escolar:

compreende-se que a identidade não é algo pronto e acabado, mas um processo, em constante negociação e elaboração. No cotidiano das relações dialógicas, poderá se dar a compreensão de que não são

necessárias categorizações como feminino-masculino, ou mesmo, heterossexual, homossexual, pois, o binarismo existente em tais concepções, anulam os rearranjos constantes de identidade, forjam uma normalidade a ser seguida, as quais anulam, reprimem e silenciam vozes e vidas. (Silva *et al*, 2019, p.13).

Como afirma Ferreira (2011) em sua recente pesquisa em posts na internet, muitos professores não dialogam sobre orientação sexual, por medo de promover com isso a homossexualidade. Isto evidencia não somente ignorância, desconhecimento do tema por parte destes profissionais, mas revela sobretudo que existe uma camada discursiva que se tenta ocultar de diversas maneiras nas escolas, uma delas é o discurso acerca do que é a orientação sexual e de como falar sobre ela no espaço escolar.

Em nossa sociedade é frequente, também, nas mídias sociais os discursos violentos, os ataques a sexualidade por meio da defesa de ideais religiosos, do conceito de certo e de errado, impõem sobre outras camadas sociais menos favorecidas o que se deve viver e de como se deve agir. A discriminação é um fator social que promove comportamentos heteronormativo¹, e nesse sentido, entende-se que é um conceito vislumbrado socialmente: o heteronormativo como aquele que é o padrão aceitável.

O termo é utilizado quando se quer assumir atração pelo sexo oposto, admitindo, assim, uma única forma de sexualidade, e com isso, percebemos a carga de preconceito que há ao se falar em outros termos, como gays, lésbicas, LGBTTQIA+ dentre outros². Porém, a existência deste termo não anula a existência da identidade de gênero. Nas palavras de Smith (2014, p.121) sobre o conceito de identidade de gênero:

Quanto à identidade de gênero, utilizo os ensinamentos de Butler, a qual defende que gênero significa “[...] a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida” (2010, p.59), entendimento embasador da sua teoria da performatividade. Assim, o masculino e o feminino são representações identificadas a partir de determinadas práticas que servem para definir a um e a outro gênero.

¹ Adjetivo: Refere-se à heteronormatividade, ao conceito de que apenas os relacionamentos entre pessoas de sexos opostos ou heterossexuais são normais ou corretos. Que enxerga a heterossexualidade como a norma numa sociedade. [Por Extensão] Que marginaliza as orientações sexuais que se diferem da heterossexual. Etimologia (origem da palavra **heteronormativo**). Hetero + normativo.

² Ver esses conceitos em: A questão de gênero, sexualidade e orientação sexual na atual base nacional comum curricular (bncc) e o movimento lgbttqis, de Paulo Roberto Souza Junior (2018).

São vistas em público as práticas discriminatórias motivadas pelo ódio ou pela imposição que uma ideologia sobre outra têm sido um constante no meio midiático, que geram em muitos casos violência extrema contra homossexuais e até mesmo a morte. Essa imposição estabelece claramente que não há diálogo, mas apenas a tentativa de dominação sobre a orientação sexual dos demais indivíduos. Em recentes análises em documentos educacionais como os PCNs, autores, como Silva *et al* (2019) esclarece-nos que:

aderindo ao termo “orientação sexual”, em documento oficial, a sexualidade, sob enfoque pedagógico, se diferencia do trabalho psicoterapêutico e da educação realizada pela família, propondo em ambiente escolar diálogos que capacitem os jovens ao exercício de uma sexualidade consciente e prazerosa. (Silva et al, 2019, p.3).

Desta feita, a escola é um ambiente adequado para múltiplos debates sobre sexualidade, bem como responsável por intervenções em campos que até hoje, constituem uma dificuldade de abordagem como: AIDS, gravidez na adolescência, drogas, identidade de gênero etc. A identidade de gênero é, como conceitua Santana, Messias & Pinho, (2021, grifo do autor, p.3):

em Silva (2015, p. 28-29) o conceito de identidade de gênero e sexual como “uma seção de repetição, em que os sujeitos se envolveriam em atos repetitivos legitimados pela cultura, com determinada consistência do que é ser homem e ser mulher, ou do exercício da sexualidade e do gênero.

Assim sendo, não cabe a nenhum indivíduo escolher a sexualidade do outro, nem tampouco impor como o outro deva existir, pois todos têm o direito de existir e de praticar suas crenças, hábitos, liberdades como julgue corretas ou aceitáveis socialmente.

A prática sexual transcende o biológico, visto que envolve aspectos psicológicos, culturais e sociais. Na fase da adolescência vão sendo definidas a identidade de gênero e a orientação sexual dos indivíduos. Aqueles que se percebem diferentes do padrão heteronormativo da sociedade via de regra sentem desconforto, estranheza e inquietações. Por vezes, estas sensações, associadas à discriminação que sofrem, ocasionam problemas de saúde. (Matta, et al, 2021, p.2).

O universo jovem, principalmente nas escolas, convive com a realidade da diversidade, uma vez que nesse ambiente não existe só uma sexualidade dominante. Os

jovens tendem a conviver uns outros no espaço escolar.

A sexualidade em suas relações afetivas é um tema presente no cotidiano para gestão e professores que não promovem um espaço de diálogo ou não foram preparados para dialogar com os estudantes sobre sexualidade, o que acaba gerando ainda mais desafios para educação dos adolescentes e jovens.

Como enfatiza Carpilovsky *et al* (2010, p.46):

Com relação ao tema “sexualidade” ser trabalhado nas escolas, 100% dos professores entrevistados afirmaram que a escola não pode se omitir em orientar e discutir temas relacionados à educação sexual. Neste sentido, ainda, declararam que a omissão não é o papel adequado a ser desempenhado pelas escolas.

Em contrapartida, vemos acontecer justamente o oposto disto. Conforme destaca Silva *et al* (2019, p.4):

As discussões em torno das temáticas correlativas à sexualidade humana são mais frequentes e evidentes neste novo momento histórico, porém muitas são ainda as confusões e dúvidas a respeito de tais temas. Por conseguinte, as questões de gênero e orientação sexual emergem de modo a tornar imprescindível o debate. Ainda que tais termos sejam distintos entre si e referenciem significados independentes, muitas vezes eles são confundidos entre si. Tais equívocos e desarranjos também são evidenciados no ambiente escolar. Professores e professoras sentem as dificuldades em apropriar-se de tais fenômenos, assim como incorporá-los em suas disciplinas e no diálogo com seus educandos.

São, em suma, estas situações que se firmam no dia a dia a grande preocupação dos profissionais da educação. Concordamos com o autor quando deixa bem claro que há um desconforto por estes profissionais que precisam transmitir o saber e ao mesmo tempo intervir em temas e questões aos quais não foram preparados previamente.

2.1. A DISCRIMINAÇÃO DE GÊNERO NO ESPAÇO ESCOLAR

Nenhum ambiente é mais favorável a aceitação do que o outro é, como o espaço da escola, ou em tese, deveria ser. No entanto, vemos que muitas das vezes as diferenças entre os estudantes são alvo de brincadeiras, bullying, violência psicológica, física entre outras, o que faz com que muitos adolescentes acabem reclusos de interagir com seus pares, pratiquem a automutilação, sejam mais agressivos, se isolem etc. Os aspectos

positivos da escola nas palavras de Matta et al, (2014, p.160) é de que

a escola é o ambiente social em que os adolescentes e jovens permanecem grande parte de suas vidas sendo, portanto, um espaço fundamental para o seu bem-estar. Além disso, é um lugar privilegiado para a formação de cidadãos e para o ensinamento do respeito aos direitos humanos.

O que ocorre é que a escola nem sempre oferta ao estudante a orientação específica que ele vai precisar ao longo do tempo em que estará convivendo com outros estudantes. Então, o lugar que deveria ser acolhedor, formador e privilegiado para seus estudos, vivência e da experiência de aceitação da sexualidade se torna o palco da discriminação e de preconceito dos mais variados. Em outro modo de ver,

a escola, como espaço sociocultural pleno de contradições, como quaisquer outros espaços, abriga, em seu interior, relações entre crianças, que tanto podem reforçar como questionar as práticas discriminatórias vigentes nela. Há um processo dinâmico na escola, de possibilidades e necessidades. (Cruz, 2014 p.140)

Essa visão de Cruz corrobora com Matta *et al*, entretanto, em suas pesquisas abordam que há muitas situações distantes de uma construção social harmônica e igualitária entre os estudantes. Assim sendo, quer seja desde a educação infantil ou ensino médio o ambiente escolar preocupa quando se trata de preconceito discriminatórios que vem desde à infância, tornando os processos educativos ainda mais difíceis.

Entre os adolescentes, em sua pesquisa a autora Matta *et al* (2020) afirma que há uma menor aceitação pela homossexualidade entre os meninos, por seus comportamentos machistas, a tendência é a tornar o objeto de sua sexualidade em evidência, desprezando essa forma de exteriorização de sexualidade, assim, “a discriminação também foi manifestada por eles por exclusão, xingamentos e brincadeiras de dizer que precisa “virar homem”, entre outras.” (Matta *et al*, 2020, P.7):

Ao pensarmos nos preconceitos e discriminações presentes nas culturas infantis, partilhamos com Manuel Sarmiento (1997) e Manuel Pinto (1997) que as culturas vivenciadas pelas crianças não nascem num vazio social ou no mundo exclusivo da infância, porque resultam dos diferentes processos vividos por elas durante a institucionalização escolar, a organização de seu tempo livre, a inserção familiar e o acesso aos meios de comunicação de massa. (Cruz, 2021, P.159).

Em outras palavras, as crianças são educadas em seus meios e a partir dali obtém o seu mundo de informações, práticas, crenças, sentimentos. Parafraseando Cruz (2021): a escola, como espaço sociocultural pleno de contradições abriga em seu interior diversas relações entre crianças, que tanto podem reforçar como questionar as práticas discriminatórias vigentes nela.

Corroboramos com o autor nesse sentido, pois questionar as práticas na escolar é legítimo, mas não se deve legitimar os atos discriminatórios que surgem dentro da sala de aula com os colegas ou até mesmo fora dela. Por isso, juntamente de todo o corpo docente, a escola será responsável por promover o espaço sociocultural adequado às necessidades individuais dos estudantes.

É evidente que “pensar a temática, preconceito, racismo e discriminação, no contexto escolar, exige entender o que é e qual o papel da escola na atualidade, além de buscar investigar como se dão as relações neste ambiente”. (Fernandes, Maia & Barbosa, 2021, p.163).

Ainda conforme aborda o autor, “os motivos que levam o ser humano a praticar tais atos são diversos e estão ligados a fatos culturais, comportamentais, econômicos, entre outros.” (Fernandes, Maia & Barbosa 2021, p.169). Isso sugere muitos enfrentamos pelos estudantes, professores, gestão escolar, pois no chão da escola, ainda que eles alcancem algum tipo de acolimento, por outro lado sofrem influência da sexualidade dominante no lugar que o deveria acolher e fortalecer a sua identidade.

2.2. A ESCOLA É ACOLHEDORA?

Sabe-se que a diversidade sexual é um tema enfático em nossa sociedade. Sabe-se que, também, carregado de preconceitos, pois que a diversidade sexual continua não tendo adesão por boa parte da sociedade. Há ainda um frequente debate acerca da homossexualidade não ser algo normal, embora se trave o discurso de que ela deve ser respeitada.

No âmbito escolar, questões como essas perpassam o imaginário dos jovens e começa a ser palco de aceitação, ainda que tímido, “pensando nas relações de poder, entende-se que as posturas adotadas pela equipe escolar ao tratar de temas de diversidade, como gênero e sexualidade, são decisórias para efetivar no ambiente

escolar uma cultura de respeito e a valorização das diferenças existentes.” (Santana, Messias & Pinho, 2021, p. 3). Assim sendo, essa temática se torna parte da escola, do convívio, das discussões, uma vez que existem estudantes homossexuais na escola e a convivência entre esses grupos de alunos favorecem a sua aceitação.

Em sua recente pesquisa, Matta et al, (2020, p.6) afirma sobre os comportamentos e atitudes acerca de identidades de gêneros não soarem mais estranhos ou algo fora de contexto escolar, pois “o fato de ser comum faz com que todos se acostumem e deixem de sentir a diversidade sexual como estranha, diferente, diminuindo o preconceito.” Os espaços midiáticos e a inserção do tema entre os espaços de vivência, como é o caso da escola, diminui essa realidade opressora e cheia de discriminação.

Em suma, a pesquisa da autora também pondera o fato de a homossexualidade ser de conhecimento dos jovens. Dessa maneira, “percebemos que é urgente e necessária a luta diária por políticas públicas que subsidiem ações voltadas para a construção de uma sociedade combativa a qualquer ideologia que negue a humanidade dos seres humanos.” (Santana, Messias & Pinho, 2021, p.15). Isso posto, reitera-se a urgência de políticas públicas voltadas para efetiva luta contra o preconceito, assim como afirma Capilovsky (2010, p.45):

No cenário familiar, normalmente, as informações estão repletas de preconceitos e moralidade, não respondendo as dúvidas desses educandos que acabam, muitas vezes, procurando respostas na mídia (que erotiza e banaliza a sexualidade) ou com amigos que apresentam as mesmas inquietações.

No ambiente familiar, esses indivíduos não encontram a compreensão e a liberdade de expor a sua identidade e orientação sexual, de vivê-la, muitas vezes a escondem dos pais, irmãos e amigos. Tal situação acarreta comportamentos que são preocupantes e frequentes em casa ou na escola. A discriminação contra os indivíduos que constroem uma sexualidade diferente do padrão, continua sendo um embate social, assim sendo:

Isso nos permite sugerir que embora nossa sociedade esteja em pleno século XXI, ainda é norteadada por um sistema patriarcal que detém o poder e delega papéis de liderança, sejam esses papéis políticos, de autoridade moral, privilégio social e controle da propriedade.

(Fernandes, Maia & Barbosa 2021, p.171).

Nesse contexto, admite-se que a escola negligencia as situações em que os indivíduos menosprezados por causa de sua sexualidade se apresentam sentindo a real necessidade de defender-se, porém, sendo vítima da opressão sentida pela opinião e comportamento elitizado da sociedade em que vivemos.

2.3. UMA VISÃO SOBRE IDENTIDADE DE GÊNERO E A ORIENTAÇÃO SEXUAL

A linguagem é um meio de estabelecer relações sociais, sendo ela ainda, um mecanismo que repercute quem somos e como agimos neste mundo. É por meio dela que construímos nossos laços afetivos com família, amigos, escola... são situações do mundo real que nos consolida na busca pelo entendimento de questões importantes, como por exemplo a de identidade de gênero. Formamos nossas identidades, assim como expressa Battistela (2010, p.73):

vendo a linguagem como um meio que manifesta a atitude e comportamento das pessoas em relação às situações e eventos que ocorrem ao seu redor, pode-se dizer que é através dela que os indivíduos manifestam sua identidade de gênero, uma vez que a linguagem contribui para que os indivíduos tenham a noção de si.

A visão da autora é compreensível, uma vez que entendemos que somos indivíduos que temos a necessidade de declarar a nossa identidade, de mostrar nossas atitudes e comportamentos estão em acordo com quem manifestamos ser. Dessa maneira, completa ela:

cada um corresponde a posições diferentes (Fairclough, 2002) e possui suas próprias regras. Cada pessoa não somente participa, como também traz para a sua vida muitos dos discursos disponíveis no mundo e no meio ao qual faz parte. Portanto, cada um tem suas particularidades, características e pensamentos construídos na cultura, nos valores e nas crenças. (Battistela, 2010, p.73-74).

Corroboramos com a autora nesse sentido, pois cada um de nós, somos parte de um processo de vivências, ao passo em que o nosso discurso em sociedade é formado, que temos nossa própria identidade, que somos o que somos, agimos como agimos em virtude de nosso discurso.

A natureza do assunto: orientação sexual, é por si só um agente de polêmica e/ou sensor de repúdio a opiniões sobre o referido tema, porque há em nossa sociedade, infelizmente, tabus e crenças acerca do conceito reverberam, incomodando muitas vezes até os mais instruídos socialmente falando. Silva (2019, p.11) comenta que “o incômodo é um sentimento presente nos discursos produzidos ao redor da sexualidade evidenciada nos educandos, ainda mais quando vista sob a ótica da homossexualidade.” O que prova mais uma vez que existe uma tentativa de ocultar o debate sobre sexualidade, dificultando ainda mais o trabalho acerca da orientação sexual no espaço escolar.

Dessa maneira, “os jovens têm dificuldade em identificar adultos em que confiem para falar sobre as agressões de que são vítimas, sendo o isolamento social o sentimento mais dominante” (Ferreira, 2011, p.14). Uma vez que no ambiente escolar, em sala de aula, os estudantes não encontram apoio nem dos próprios profissionais que deveriam acolher, orientar, há queixas de que estes profissionais são também propagadores de discursos preconceituosos em relação a sexualidade dos jovens, como aponta em pesquisa do autor.

Assim sendo, chega-se a uma das conclusões que, identificados em contextos heteronormativos de convivência e discussões desta natureza, a sua orientação sexual se torna mais difícil, uma vez que não há possibilidade de se ser conscientizado acerca das questões de gênero, pois não se espera outra coisa que não a heterossexualidade naquele contexto familiar ou social.

3. O DESAFIO DAS ESCOLAS ACERCA DA ORIENTAÇÃO SEXUAL

Não é de agora que os indivíduos que manifestam seus pensamentos constituídos em sua cultura são forçados a ter um novo posicionamento de suas identidades, pois há distorções de valores e crenças, essa configuração ou reconfiguração de si mesmo se torna debate dentro da ideologia dominante expressada pelo conceito tradicional enviesado nas escolas, nas famílias, no trabalho entre outros campos da vida social.

Neste sentido, é mais que necessário destacar o desafio da escola na luta pela transformação de ideologias tradicionais e dominantes, que excluem as pessoas por suas identidades de gênero e orientação sexual e alçar voz pelo compromisso da escola em construir pontes para as

questões humanas, incluindo e integrando aspectos relacionados à sexualidade e ao gênero. (Santana, Messias, Pinho, 2021, P.12-13).

Também entendemos que a questão da sexualidade traz consigo questões de saúde, portanto, não sendo um tema exclusivo de uma área específica de debate. Atualmente em nossa sociedade o constante surgimento de doenças sexuais tem vindo à tona com grande preocupação nas escolas. Há muito tempo o conteúdo deixou de ser o foco e os temas transversais passaram a ser discutidos com maior ênfase, mas seus efeitos na prática são poucos.

A escola, portanto, é um lugar que se mostra aberto a diferentes perspectivas de vida e de reafirmação de identidades. Nela, deve caber todos os indivíduos com todas as suas particularidades, uma vez que a escola está presente de diversidade, porém, como se dialoga em Marçal (2020) numa abordagem em seus estudos de gênero na educação:

A desigualdade de gênero é uma das violações mais persistentes dos direitos humanos em nosso tempo (ONU Mulheres, 2014). Propor diálogo e desenvolver projetos que promovam a igualdade entre os gêneros na escola é remover barreiras sociais e culturais, barreiras estas que por muitas vezes impedem a sociedade de elevar-se cultural e potencialmente. É essencial que nós, como educadores, possamos ajudar essa nova geração a modelar uma nova sociedade, livre do ódio, das desigualdades, justa e igualitária.

No entanto, há outras visões de escola como um lugar de discriminação, de embates e distância entre estudantes que sofrem diversos tipos de preconceitos em relação a sua identidade de gênero, como bem coloca (Santana, Messias & Pinho, 2021, p. 2):

É preciso que as instituições educacionais compreendam que a sexualidade está lá desde o momento da entrada desse discente, que faz parte dele e do que é construído no cotidiano. Devemos, então, trabalhar sua presença e não negá-la, gerando reflexões que possam promover a escola como um ambiente de valorização e acolhimento da diversidade.

Desse modo, percebe-se que a escola pode e deve ser um espaço que ajude a construir a percepção que o aluno tenha de si mesmo, sem negar a sua identidade, mas confirmá-la e tê-la encontrado. Como percebe-se,

ao abordar um tema tão polêmico como sexualidade, depara-se com uma grande variedade de respostas, conceitos e inquietações. Hoje, a escola assume um papel fundamental na orientação, não apenas em ensinar conteúdos, mas está apta e aberta a preparar os alunos para a vida nos seus diferentes aspectos: social, sexual, familiar. (Capilovsky et al, 2010, p.50).

Assim, preocupar-se com a adequada formação dos jovens é um dever da escola e desta feita, precisa de entender que os estudantes têm uma visão própria de mundo e de que são os professores que vão auxiliar na compreensão de questões como essa da sexualidade. Silva et al (2019, p. 9) afirma que em suas práticas diárias, docentes lidam com as diversidades existentes, no entanto, sem, muitas vezes, compreender tais formas e, conseqüentemente, apresentando dificuldades para abordar e se movimentar perante tais fenômenos.

O debate na escola em torno do preconceito, racismo e discriminação no ambiente escolar, como orienta Fernandes, Maia & Barbosa (2021, p.167) vem sendo discutido ao longo dos anos:

Nesse sentido, a escola pode ser vista como transmissora dos valores morais e comportamentais de uma classe dominante, que impõe a existência de uma “normalidade” moral, impedindo a manifestação de sentimentos e expressões culturais, identitárias, sexuais, entre outras formas de se expressar.

A sexualidade trabalhada de forma correta, sem preconceitos, tabus e julgamentos, leva à formação de pessoas preparadas para exercer sua sexualidade de forma segura e saudável. (Capilovsky et al, 2010, p.50). Por isto, os profissionais que trabalham com os educandos também necessitam de urgente formação para lidar com temáticas polêmicas e que muitas das vezes os surpreendem em sala de aula.

Em suma, os professores estão mais perto dos alunos e das alunas, conseguem ver suas inquietações, medos, frustrações, por inúmeras vezes, enxergam a tristeza e a quietude de seus estudantes em sala, no entanto, não dispõem do saber adequado para ajudar. Com isso, dificulta-se o processo de ensino-aprendizagem, as relações interpessoais, o diálogo, as atividades pedagógicas.

A questão de gênero no Brasil é expressa em documentos oficiais, porém, a temática da sexualidade, no que tange o direito à dignidade do indivíduo e outros

direitos transmitidos constitucionalmente são tímidos. Como Junior (2018, p.11) enfatiza em recente trabalho acerca de sexualidade e educação, em análise da Declaração de Direitos Universal de Direitos Humanos (ONU, 1948)³: (...) ao mencionar a dignidade humana, direito inerente à pessoas ao bem-estar, livre de qualquer tipo de discriminação, direito à isonomia entre homens e mulheres, sexualidade, saúde e de necessidade de preservação contra doenças, que independe de sua orientação sexual.

Nesse âmbito, um trabalho mais promissor com diversidade e respeito às diferenças é papel da escola, uma vez que, os documentos oficiais tratam das diretrizes que as escolas precisam de seguir desde o início de cada ano escolar. Com efeito, a educação pela diversidade ainda se arrasta em pleno século XXI. Mas, ano após ano, as pesquisas têm gerado os debates necessários sobre esta percepção de como escola, professor e comunidade escolar de modo geral devem estar preparados para atuar frente as problemáticas no âmbito da diversidade e orientação sexual.

É um aspecto positivo da temática. Assim, mediante a participação de todos, as práticas pedagógicas de aceitação e inclusão do outro e a luta pelos direitos e o reconhecimento dos seres envolvidos nos processos identitários não ficarão apenas no papel, nas discussões, mas que se resultem em políticas públicas e educacionais sérias de combate e enfrentamento à discriminação aos sujeitos e à sua sexualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contribuir com as discussões acerca da relevância do respeito as diferenças de gênero e orientação sexual é um dos aspectos mais significativos ao longo de anos no trabalho docente. Deve ser também, uma forma de destacar e refletir sobre como a nossa sociedade ainda engatinha quando se trata de um assunto tão decisivo em nosso meio social.

Questões relativas à identidade de gênero e orientação sexual precisam de um amplo espaço de diálogo e sobretudo de aceitação de quem o outro é, ou, mas, para que

³No artigo: A questão de gênero, sexualidade e orientação sexual na atual base nacional comum curricular (BNCC) e o movimento lgbttqis: Até a edição da atual BNCC havia uma busca pela garantia de uma educação para diversidade. Entretanto, com a publicação da mesma, nasceu um retrocesso na temática. Há necessidade uma (re)avaliação do atual cenário político com finalidade de identificar os caminhos da participação da sociedade na busca da revisão deste retrocesso.

isso se efetive é necessária mais abertura ao aprofundamento temático e mais respeito em nossas relações sociais, afetivas, bem como, quando se trata da homossexualidade.

Posto isso, conclui-se que: o espaço para o debate sobre sexualidade é limitado, pois em contextos heteronormativos, não se espera outra coisa além de que a heterossexualidade, e isso vai dificultar ainda mais o diálogo sobre a orientação sexual dos jovens. outro detalhe importante é o de que: profissionais nas escolas emitem julgamentos e possuem discursos homofóbicos inviabilizando ainda mais a aproximação de indivíduos homossexuais no ambiente escolar.

Essas situações existentes em espaços familiares, sociais ou escolar prejudica a compreensão da identidade dos jovens, de como se veem e de como podem fazer para amadurecer a sua sexualidade. A diversidade na escola existe e não pode se restringir aos discursos normativos de comportamentos inadequados, despreparados por quem quer que seja e principalmente por quem se julga heterossexual e impõe-se sobre o outro a sua maneira de ver o mundo e de agir no mundo.

Em suma, há uma visão equivocada, achismos preconceituosos no próprio ambiente familiar ou escolar, mas que não deve sujeitar o tema ao que pensa a ideologia dominante de nossa sociedade. A escola é um lugar de diversidade e como tal, deve ter um amplo aprofundamentos de temas como o que se tratou neste artigo, bem como, o espaço escolar deve ser preservado de um olhar heteronormativo, e deve ter a inclusão de todos os gêneros e também, veemente o combate ao preconceito de gênero nas escolas, com atividades didático-inclusivas e espaços abertos ao acolhimento das dúvidas e para a orientação sexual dos jovens, que se faz urgente em nossa sociedade atual.

REFERÊNCIAS

- Battistela, I. (2010). *O gênero identitário no ambiente escolar: preconceitos estereótipos*. Revista X, Vol. 2. 2010.
- Carpilovsky, C. K.; Temp, D. S.; Costabeber, I.; Soares, F. A. A; Arrial, J.; Trelles, K. B. (2010). *Educação fundamental: ação dos professores frente à temática da educação sexual na escola pública*. VIDYA, v. 30, n. 1, p. 43-52, jan./jun., 2010 - Santa Maria, 2010. ISSN 2176-4603 X. Acesso em: 12/02/2024.
- Cruz, T. M. (2014). *Espaço escolar e discriminação: significados de gênero e raça entre crianças*. Educação em Revista: Belo Horizonte. V.30, n.01, p. 157-188, mar. 2014.
- Dicionário on line de Português. (2024). *Heteronormatividade*. In: <https://www.dicio.com.br/heteronormativo/> Acesso em: 11/02/2024.
- Fernandes, L. A. B.; Maia, M. M.; Barbosa, N. T. M. N. (2024). *Preconceito, racismo e discriminação no ambiente escolar: como compreender essa temática*. Revista Panorâmica – ISSN 2238-9210 - V. 34 – Set./Dez. 2021. Acesso em: 12/02/2024.
- Ferreira, E. (2011). *Questões de gênero e orientação sexual em espaço escolar*. In: I Seminário Latino-Americano de geografia e Gênero: Espaço, Gênero e Poder/Pré-encontro da Conferência Regional da União Geográfica Internacional: Conectando fronteiras, 8-11, November. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO). 2011. Acesso em: 12/02/2024.
- Junior, P. R. S.(2018). A questão de gênero, sexualidade e orientação sexual na atual base nacional comum curricular (BNCC) e o movimento lgbttqis. *Revista de Gênero, Sexualidade e Direito* | e-ISSN: 2525-9849 | Salvador | v. 4 | n. 1 | p. 1 – 21 | Jan/Jun. 2018. Acesso em: 12/02/2024.
- Marçal, L.(2019). Igualdade de gênero no ambiente escolar. *Revista Educação Pública*, v. 19, nº 21, 17 de setembro de 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/21/igualdade-de-genero-no-ambiente-escolar>. Acesso em: 11/02/202.

- Matta, T. F.; Taquette, S. R.; Souza, L. M. B. M.; Moraes, C. L. (2021). *Diversidade sexual na escola: estudo qualitativo com estudantes do Ensino Médio do Município do Rio de Janeiro, Brasil*. In: Cad. Saúde Pública 2021. Disponível em: scielo.br/j/csp/a/DtFf3qtxMDdtkQnRvfSq4D/?lang=pt&format=pdf Acesso em: 01/11/2023
- Santana, C. G., Messias, F. R.; Pinho, M. J. S. (2021). *Gênero, sexualidade e escola: o que e quem tem pesquisado na educação básica?* In: Revista Multidisciplinar do Núcleo de Pesquisa e Extensão (RevNUPE), v. 1, n. 1, 2021.
- Silva, J. K. O.; Anjos, D. F.; Pimentel, P. S.; Costa, I. M. G.; Fonseca, J. H. M. (2019). *Identidade de gênero e orientação sexual: a sexualidade no contexto escolar*. Research, Society and Development, vol. 8, núm. 8, 2019. Universidade Federal de Itajubá, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=560662199012> Acesso em: 12/02/2024.
- Smith, A. S. P. O. (2014). *Proibição da discriminação em face das identidades de gênero e sexuais: reflexões acerca do ambiente escolar brasileiro*. 2014. Universidade Federal do Pará, Universidade da Amazônia. In: Exedra, Revista Científica ESEC. Acesso em: 12/02/2024.